

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 2



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1999

Coimbra, 5 de Janeiro de 2.001
M. Silva

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 2 – Dezembro de 1999

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Telefax +351-239-410088; E.mail: ailusit@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. +351-22 6067418; Fax +351-22 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal n.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

AIDA FERNANDA DIAS – Uma bibliografia medieval em suporte electrónico.....	7
EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO – Os escritos portugueses de um jesuíta holandês no Oriente: Gaspar Barzeu (1515-1553).....	17
MÁRCIA M. DE ARRUDA BRANCO – Camões, leitor de Sá de Miranda.....	29
ANNE-MARIE QUINT – Ideias subversivas de um humanista cristão	49
MARIA THERESA ABELHA ALVES – Padre António Vieira, a exegese escriturária e o Quinto Império	63
CHRISTOPHER LUND – António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas.....	79
MATILDES DEMETRIO DOS SANTOS – Literatura e História: Cartas Persas e Chilenas	85
VILMA ARÊAS – Um Primo Basílio da periferia.....	97
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA – Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém	107
MARIA MANUEL LISBOA – “Num bi nada”: O incesto e a oportunidade perdida n’ <i>Os Maias</i>	127
MARIA DE LOURDES A. FERRAZ – Camilo leitor de Castilho	157
DAVID BROOCKSHAW – Macau e os Macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho.	169

MARIA ALZIRA SEIXO – O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt.....	179
APARECIDA DE FÁTIMA BUENO – Das <i>Odes</i> ao romance: a construção do personagem em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	195
K. DAVIS JACKSON – O desespero da musa: a paixão e o texto de vanguarda	213
ISABEL CRISTINA RODRIGUES – <i>Cartas de Sandra</i> de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar	223
LUCI RUAS PEREIRA – Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita.....	233
CARLOS D’ALGE – Uma leitura dos romances de José Cardoso Pires	247
MARIA LUCIA FERNANDES GUELFY – <i>O Delfim</i> : Uma leitura pós-moderna da história.....	253
CRISTINA ROBALO CORDEIRO – Da <i>Paixão</i> às <i>Vozes da Paixão</i> de Almeida Faria: morfologia de uma metamorfose.....	271
AMET KÉBÉ – Símbolos e Ideologias em <i>1 Morto e os Vivos</i> de Manuel Rui Monteiro.....	279
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – De vãos e ilhas – imagens utópicas e o mito de Ícaro, em recortes clássicos e contemporâneos.....	289
DIVA CARDOSO DE CAMARGO – O Primitivismo: apenas velhos “manifestos” e “prefácios”?.....	307
MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO – Poética e <i>poiesis</i> : a questão da interpretação	317
JÚNIA DE CASTRO MAGALHÃES ALVES e LÚCIA TRINDADE VALENTE – <i>Harmada</i> : a “fulminância” na escrita de um texto contemporâneo....	341
GILMA TIETLER – O erotismo na força da palavra dita.....	349
EMMANOEL DOS SANTOS – O amor à língua materna no Brasil e a questão do empréstimo.....	355
BARBARA HLIBOWICKA-WEGLARZ – A situação actual da língua portuguesa na Polónia – (O exemplo da Universidade Maria Curie Skłodowska de Lublin).....	363

Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita

LUCI RUAS PEREIRA

*Brasil, Universidade Gama Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

A arte é uma sagração sem liturgia visível.

(Vergílio Ferreira, *Pensar*)

A idéia de desenvolver o tema da paixão¹ como fundamento a partir do qual poder-se-ia ler a obra de Vergílio Ferreira não nos surgiu por acaso. Provocou-a, “a priori”, o estudo da obra vergiliana, tendo como textos de apoio os ensaios por ele escritos e, na ficção, o romance *Nítido nulo*². Talvez a idéia, herdada de Sartre, de que a vida é paixão inútil, nos tenha também provocado. De *Nítido nulo*, romance em que convivemos com um protagonista que aguarda o momento da execução, e, enquanto isso, rememora e escreve, surgiu-nos então a idéia de não ser outro o caminho percorrido por Vergílio Ferreira no seu itinerário de escritor: o itinerário de uma paixão, onde cada passo é uma experiência dolorosa (ainda que haja momentos de prazer), na tentativa de desbravar um caminho novo, ação conscientemente empreendida em busca de um centro (*axis mundi*), capaz de reordenar o cosmos e libertar o homem.

¹ Luci Ruas Pereira, *Vergílio Ferreira: itinerário de uma paixão*. [Tese de Doutorado], Rio de Janeiro, Faculdade de Letras / UFRJ, 1994.

² Luci Ruas Pereira, *A dialética da ultrapassagem*. [Dissertação de Mestrado], Rio de Janeiro, Faculdade de Letras / UFRJ, 1985.

No seu apostolado há, entretanto, que se ver ao abandono, tendo de percorrer sozinho, consciente da “radical incomunicabilidade do que lhe é mais íntimo e mais original”, o seu caminho para o “Calvário”. Nesse itinerário, vive os momentos dolorosos do flagelo, a que se somam quedas, entre algumas fraquezas ou cansaços. Mas o sujeito que se anuncia e enuncia o verbo (por essa palavra, que redimiria toda uma vida, lutou até ao fim) tem a vocação do rebelde: lança-se como sujeito insistente e resistente, na obsessiva procura do lugar e do momento de triunfo, recomeçando sempre, em busca da casa que finalmente o haveria de acolher.

Propúnhamos, assim, um caminho de leitura e formulávamos uma hipótese que se deveria comprovar ao final de nossa investigação: proceder à leitura da obra romanesca de Vergílio Ferreira, defendendo a tese de que nela se cumprem os passos de uma liturgia, em que se destaca o tempo da paixão cujo significado tem, como fundamento, o arquétipo cristão.

Ao falarmos em arquétipo cristão fundamentamo-nos nos pressupostos junguianos, quando se referem às imagens que expressam estágios essenciais da vida de Cristo, selecionadas, de acordo com a psicologia junguiana, pela psique objetiva, o *consensus omnium*. A seqüência de imagens de que se constitui o mito cristão revela um processo circular que atualiza, a cada curso completo, o fenômeno da anunciação. Após cumprido todo o itinerário da paixão, que se consuma na morte, e repetindo o processo da encarnação contínua, mais uma vez desce o Espírito Santo para promover a cristificação de muitos, o que significa, para o indivíduo, a assimilação da imagem de Cristo em seu próprio ser, não mais como experiência intencional em busca de imitação, mas uma *experiência involuntária da realidade apresentada pela legenda sagrada*³. O que ocorre na vida de Cristo passa a ocorrer em todos os momentos e locais aos indivíduos que vivem o processo da individuação.

Não propusemos a leitura e análise do texto de Vergílio Ferreira a partir da psicologia junguiana. Reconhecemos, entretanto, que os versículos do mito cristão em sua obra são bastante visíveis, embora não se verifique – e o próprio autor o descarta – qualquer tendência para um comportamento religioso. O que afirmamos é que a seqüência de imagens que constituem o itinerário do autor, dado a conhecer pela obra

³ Edward E. Edinger, *O arquétipo cristão*, São Paulo, Cultrix [s.d.], p. 148.

produzida, especialmente o romance, atualiza os ciclos da *Encarnação* e da *Redenção*, numa liturgia em que a palavra promove, não a sacração do divino, mas a sacração do humano.

Neste trabalho foi para o romance, portanto, que dirigimos o nosso olhar. Foi o texto romanesco o *corpus* da nossa leitura, por entendermos que o itinerário que leva ao tempo da paixão e acaba por configurar a nova liturgia realiza-se em plenitude no romance.

De acordo com a epígrafe que escolhemos para apresentar o nosso trabalho – e de acordo com as palavras do próprio Vergílio Ferreira – *A arte é uma sacração sem liturgia visível*⁴. Em verdade, pensar em sagrado no nosso tempo, em que as religiões se codificaram em discurso e codilharam o homem; pensar em sagrado quando tudo – ou quase – foi profanado pelo olho indiscreto da ciência (não no que ela nos ofereceu de remédio, de cura, de avanço, de economia de esforço) e pelas razões e pela lógica de tudo; pensar em sagrado, quando pela primeira vez – segundo afirma o próprio escritor – intenta-se reerguer o reino do homem, poderia parecer, no mínimo, um retrocesso, uma perda irreparável. Mas é o próprio Vergílio Ferreira quem nos fornece o alibi, quando afirma:

[...] o sagrado não é a crença em qualquer religião, que são em si imediatamente profanas. O sagrado nasce na interrogação e morre na religião, que adianta sempre uma resposta.. [...] é a insônia, a impossibilidade, o intrigante, o ilimitado de todos os limites, a ressonância do silêncio, depois de todas as vozes, o mistério do que se não pode saber e sobretudo do que se sabe. (*Pensar*. p. 272.)

O retorno do sagrado deve ter que ver fundamentalmente com a recuperação da sacralidade do homem, da vida, da palavra, do mundo. A sacralidade está no que suspeitamos de mistério nas coisas, a força original de tudo o que espera o nosso olhar limpo, a nossa atenção humilde, a divindade que está em nós. O grande acontecimento do nosso tempo, que é o sinal do nosso desastre, é a profanação de tudo, a dessacralização do que abusivamente foi invadido pelos deuses. (*Pensar*. p. 278.)

A palavra é, sem dúvida, centro da atenção do escritor. Devolver-lhe o sabor original: isto é o que é mais difícil, pensamos, porque desde há muito ela está impregnada de valores de toda ordem, de significado previsíveis. *Mais divina que os deuses*, – diz-nos Vergílio Ferreira – *foi a ela que Deus recorreu para criar o mundo. Não veio dele a divindade*

⁴ Vergílio Ferreira, *Pensar*, 3ed., Lisboa, Bertrand, 1992, p. 89.

para a palavra, mas se veio, nela ainda permanece, nela ficou depois que Deus desistiu de existir (Pensar. p. 279). A palavra tem força de representação. A palavra tem o poder da profecia, da transfiguração dos elementos, da transformação da matéria amorfa em forma. Por isso Vergílio Ferreira procurou-a, à palavra definitiva, incessante e obsessivamente em sua obra. Sagrou-a. Fez da palavra o veículo de expressão da nossa miséria e da nossa grandeza. E se, na religião, o Cristo é Deus feito homem e é como filho do homem que traz a palavra do Pai e se oferece ao sacrifício, o Homem, o filho do Deus das Escrituras, o que quer é ser o deus do seu reino. Os caminhos se cruzam nas vias do Ser. E a palavra, nas vias abertas pela escritura de Vergílio Ferreira, encena o drama do homem, em sua vida e paixão, fazendo-o cumprir-se passo a passo, até que se cumpra o destino.

Arriscamo-nos a dizer que, ao pretender reinaugurar o mundo, sacralizando-o pela palavra, Vergílio Ferreira inaugura, também, um Novíssimo Testamento em que, pela da instalação do sagrado, se realiza uma verdadeira ontofania, onde o tempo histórico cede ao tempo do Ser (com Heidegger), ou ao tempo do Homem (com Sartre), tempo mítico por excelência, em que o grande mito que ocupa o centro é esse mesmo Homem.

Em sua obsessão pela circularidade, a obra de Vergílio Ferreira percorre o caminho para a Redenção, tornando sempre ao mesmo ponto de partida – a dignificação do homem – mas avançando sempre, progredindo sempre, lançando-se para o futuro, na tentativa sempre renovada de realizar o seu projeto.

Se o primeiro ciclo do ano litúrgico é o da Encarnação, ou do Advento, e esse tempo implica os tempos da Preparação, da Celebração e do Prolongamento, cremos poder afirmar que a obra produzida entre 1943 e 1962, iniciando-se com *O caminho fica longe* e estendendo-se até *Estrela polar*, percorre os tempos deste ciclo.

O primeiro momento, quando o escritor inaugura sua vida literária como neo-realista, inicia-se com *O caminho fica longe*, *Onde tudo foi morrendo* e *Vagão J*. Do primeiro livro podemos, logo de saída, pôr em relevo o título, profético, que se completa na epígrafe, assinalando a distância entre o sujeito que se lança à vida e o caminho a seguir. Seria longo o caminho da peregrinação. Diz-nos o texto: *Amigo! A estrada é larga e segura porque foi construída apenas pela experiência dos homens. Não percas mais teus passos pela areia movediça e estéril...* (CFL, 1.^a ed.,

1943) Estava estabelecida a idéia que Vergílio Ferreira problematizaria nos romances posteriores, ainda que, mais tarde, optasse por uma via que considerou mais fecunda – a da problematização da existência e da consciência do *Eu*. Já nesse primeiro momento Vergílio Ferreira aponta para um caminho verdadeiramente humano e a objetivação dessa proposta ainda se fixa numa dimensão sócio-econômica, que se estende até *Vagão J*.

O segundo momento do tempo do Advento acreditamos seja o que constitui a real preparação. Nele, as palavras, as situações e o que nelas se pode ir aos poucos revelando da inquietação, da angústia, do sofrimento, da morte de Deus, da própria Morte, da revelação do sentido da existência, da importância da Arte como manifestação do que há de sublime na criação humana é o que realmente prepara para a grande celebração. Aí se incluem os romances *Mudança*, *Manhã submersa*, *Apelo da noite* e *Cântico final*.

Mudança é o romance cujo título já profetiza o que Eduardo Lourenço com propriedade chamou de viragem, no prefácio. A idéia de condição humana aí já se esboça; a angústia e o conflito íntimo de Carlos Bruno o atestam. A interrogação já toma conta do tempo e problematiza-o, apontando para uma dimensão metafísica, onde seria posto em questão o problema do Ser.

Em *Manhã submersa*, romance de 1953, os sinais se manifestam com maior intensidade. Segundo afirma Eduardo Lourenço, é neste romance que o protagonista se dá conta do esfacelamento da “harmonia da vivência do mundo unido da sua infância, unido sob a dupla referência a Deus e aos valores centrados nele e ao universo familiar, onde, como para Pessoa, *ninguém estava morto*”⁵. Fixam-se no romance, trazidos pela memória, o tempo do Seminário, os signos do terror, sobretudo do terrorismo do silêncio, sobre o qual J.L. Gavilanes Laso chama a atenção, destacando o fato de a palavra silêncio, grafada em maiúsculas, ocupar uma só linha, anunciando já “um elemento capital de solidão existencial”⁶. Integram ainda esse ambiente de terror a permanente

⁵ Eduardo Lourenço, “Do alarme à jubilação”, *Colóquio-Letras* 90 (Lisboa, mar. 1986) 26.

⁶ J. L. Gavilanes Laso, *Vergílio Ferreira: espaço simbólico e metafísico*, Lisboa, Dom Quixote, 1989, p.155.

O crítico faz referência à palavra SILÊNCIO, grafada com maiúsculas na p. 45 da 7.^a edição de *Manhã submersa*.

ameaça aos pecadores, um gosto de morte iminente (uma das obsessões do universo vergiliano) e cor de Outono (enquanto, no espaço externo, e sobretudo no espaço da aldeia distante, há brilho de Primavera), a construção demoníaca da imagem de um *Deus dos Infernos* (MS, p. 41.), diante do qual se destaca a figura de um menino genuflexo, *vencido, cortado pelo meio*, entre o signo do medo, que o imobiliza, e o desejo de luta, que sente germinar do mais fundo de si.

Apelo da noite, desde a epígrafe, prepara o tempo da Celebração: *Noite, irmã da Razão e irmã da Morte*. O verso de Antero antecipa o que mais tarde a razão viria a pôr em questão: a morte, outra das grandes obsessões temáticas de Vergílio Ferreira. Nesse romance, Adriano, o protagonista, vive o conflito entre o *pensar*, que se fundamenta já em pressupostos existencialistas, e o *agir*, que se fundamenta em pressupostos marxistas:

Não penses. Cala-te até à miséria dos ossos, até ao teu cadáver futuro. Quem destes te poderia entender se falasses, se te ouvissem pensar? O grande pecado de hoje: pensar. “Não penses tanto”, dizia-lhe a mãe. Quantas vezes. Não aprendeste ainda. Silêncio. Que o animal suba em ti, o leão do clero, fronte córnea do touro, força quadrangular. Que o animal te recupere a pureza esquecida. São puros eles, os que vão aqui contigo. Tu, não. Não, como? (AN, p. 182.)

Mas Adriano não abre mão da sua escolha. Entrega-se ao sacrifício, consciente de seu papel e da importância da sua decisão, ainda que esta decisão lhe custe a vida.

Cântico final encerra o tempo da Preparação, ao se desenvolver no tempo limite entre o ôntico e o ontológico, quando os valores que sustentam o mundo se abalam. Na certeza da morte próxima, um pintor retorna à casa paterna, na montanha, na tentativa de escapar à balbúrdia da cidade. Lá é surpreendido pelos fantasmas do passado, vive um amor impossível, perde-o, mas tenta fixar numa capela os afrescos que imortalizariam a sua inquietação diante da ameaça que paira sobre a humanidade, como forma de ressignificar as imagens do seu tempo, transformá-las de provisórias em eternas, de quotidianas em sagradas. A certeza de que na arte é sagrado o próprio ato de criar *o que havia num filho e no amor na promessa e na forma de acesso ao profundo frêmito da vida, à sua última vibração, ela fundia o homem a si próprio, na vivência absoluta dos instantes de privilégio*, já marca o trecho final do livro, *sinal da aparição de uma verdade profunda, antiga, sinal da*

transfiguração, do limiar [grifos nossos] *de uma memória que finda...* (CF, p. 206.) O romance, portanto, deixa mais evidentes os sinais do tempo da Celebração. É, como diz o narrador, um tempo *limiar*, de ultrapassagem de um outro tempo, até então dedicado à ação prática.

O segundo tempo do Advento, o da Celebração da epifania, ou melhor, o tempo do “nascimento” da palavra que se ergue para afirmar a “boa nova”, o romance que o realiza é *Aparição*. Com este romance, diz-nos Vergílio Ferreira que tenta recuperar a “verdade” que se lhe impõe, a de que é chegada a hora de o homem assumir o que ao homem pertence, criando sobre a terra o seu reino, já que Deus está morto “porque sim”. Com isso, descarta-se qualquer possibilidade de haver a eternidade por Ele prometida.

Aparição é o romance da revelação do EU e da certeza de que a Verdade só se desvela em breves momentos de aparição. É em *Aparição* que o narrador-protagonista se coloca como aquele que traz a boa nova, afirmando-se como um novo Messias, cujo apostolado implica dizer ao outro o que quer o seu humanismo e o que é ser humano. O desejo de consciência e de plenitude aí se instala, revelando-se em momentos de encontro, sobretudo com a arte. Também se manifesta no romance o desejo da companhia do outro, para que a comunhão humana se faça plena.

Descobrir o milagre da vida é fundamental para Alberto Soares. Dizê-lo ao outro, também, embora nem sempre seja entendido. Veja-se o exemplo de Carolino, uma representação às avessas do desejo do protagonista, uma vez que reconhece no poder matar a força de expressão do homem, enquanto Alberto o que quer é pregar aos que o possam ouvir o milagre da vida.

Tentativas inúmeras empreende o protagonista para pregar a sua palavra, inaugurando, com as suas vivências, um outro tempo no qual o homem passa a ser alfa e ômega, princípio e fim de todas as coisas. Mas é exatamente porque a vida é um milagre e a razão de ser disso tudo é o homem, que a morte aí se afigura como um absurdo, como inverossímil, evidência que o homem não poderá vencer, muito embora deva contra ela lutar, impondo-lhe a vida como forma de saturar o mundo de presença humana, dignificando esse homem e garantindo-lhe um espaço na terra da sua condição. Uma tal atitude tem, entretanto, as suas conseqüências, que serão, sem dúvida, razão de sofrimento e angústia para esse homem. Porque é preciso que os outros saibam que um novo tempo se inaugura; é preciso fustigar-lhes a consciência. Por isso mesmo o papel

de Alberto como professor – o mestre – é de capital importância. Assim é que se dirige a alunos, a Ana, a Sofia, numa cidade onde os valores estão cristalizados e é difícil qualquer mudança radical. A solidão do protagonista se aprofunda, mas nada o demoveria da consciência de responsabilidade diante daquilo em que acredita: que era chegada a hora da redenção humana, embora reconheça que essa redenção é difícil. Vive então o tempo da sua paixão, quando se recolhe à Casa do Alto, para recuperar suas forças, reencontrar o EU e continuar, apesar do fracasso da primeira tentativa..

É também em *Aparição* que a arte se revela em breves momentos – pelas mãos infantis de Cristina –, mas de modo tão intenso, que é capaz de nos fazer perceber que nela estaria o que há de mais sublime na existência humana, espaço de criação onde o homem procura não apenas atingir o absoluto, mas garantir a sua Permanência sobre a terra. Se o mundo é um lugar de disjunção, como gosta de dizer Helder Godinho⁷, é na arte que o homem alcança a harmonia, a conjunção necessária a sua plena realização.

Na liturgia, o tempo da Celebração exige um outro, capaz de consolidar as propostas que a palavra enuncia e anuncia. É preciso prolongar essa experiência, ampliá-la, para que ela alcance a dimensão desejada e cumpra o seu propósito maior: criar um mundo rarefeito de presença humana, onde a comunhão seja possível. A esse tempo chama-se Prolongamento, necessário para fortalecer as idéias divulgadas em *Aparição*. A obra de ficção que o realiza é *Estrela polar*. Se *Aparição* é, como disse o próprio Vergílio Ferreira, o romance do Eu, *Estrela polar*, seguindo as palavras do autor, é o romance do Tu⁸. É importante observar que os nomes dos protagonistas, nos dois romances, encontram-se no plano do significado. Adalberto é, segundo a etimologia, a forma plena do nome Alberto⁹. É como se o protagonista de um romance procurasse, no outro, a plenitude desejada, que exige, mais que a comunicação, a comunhão humana, o pleno encontro entre masculino e feminino, buscado desde as primeiras obras. Ainda que se caracterizem por atitudes diversas nos dois romances (arriscaríamos dizer que Adalberto às vezes

⁷ Helder Godinho, *O universo imaginário de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

⁸ Vergílio Ferreira, *Um escritor apresenta-se*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, Org. de Maria da Glória Padrão.

⁹ Antenor Nascentes, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Francisco Alves Machado / J. Leite / Breguiet / A Indústria do Livro, 1932, Tomo I, p. 4.

lembra Carolino, que, deslumbrado com a grandeza do Eu que se revela em Sofia e incapaz de conviver com a sua descoberta, também se torna incapaz de conviver com a mulher), ambos têm um propósito: o de atingir o tempo da comunhão, do um-no-outro que resgataria o uno fracionado desde tempos imemoriais. Entretanto, a ação empreendida por Adalberto – a de encontrar o outro e com esse outro promover o harmonioso encontro com o que considera o sentimento sublime do ser humano, capaz de redimi-lo: o amor – resulta em fracasso. O desejo da personagem é desmedido; conhecer o outro não lhe basta. Ele quer desvendar o mistério que envolve o ser-outro e acaba por tornar-se incapaz de reconhecer aquela que o completaria. Entre Aida e Alda, as duas gêmeas, o protagonista não sabe distinguir e acaba matando aquela que o poderia completar, garantindo-lhe a plenitude. Mesmo o filho esperado tem a vida interrompida por acidente trágico. É como se a esperança de continuidade, de permanência também se interrompesse, interrompendo o que seria o destino do homem: construir o seu reino sobre a terra. A história termina em tragédia, em nova acusação contra o protagonista, em nova penalidade: o protagonista fracassa, preso no labirinto por ele mesmo construído. Mas, cumprindo a sua tarefa, recomeça, nem que seja para viver a mesma interminável história:

Só. Decerto a vida expulsou-me. *Mas eu também sou da vida!*. Eu. Guardarei a minha voz nestes limites de pedra. Depois, quando nada me lembre ao que me lembra ainda talvez, quando tudo se reduzir à perfeição do meu nada, quando, ao verem-me, eu for realmente uma pedra, exacto, avulso, nítido, e o universo me perguntar “quem, tu?”, quando todas as vozes embatendo nas paredes desistirem de embater nas paredes, abrir-me-ão as portas de novo, partirei então para Penalva. É uma cidade fechada, no alto de um monte. A dez passos há o vazio. Então, provavelmente, encontrarei Aida. Ela tem uma irmã parecida com ela, até no nome. E amarei Aida e direi: “tu, ó única”. Tudo quanto em mim é de mais o sonharei então nela e o sentirei então nela e tudo em mim será ainda um excesso e perguntarei ainda: quem? onde? para quê? Depois confundirei Aida com Alda e direi a Alda, que é Aida: “ó única”. (*EP*, p. 265)

A solidão da personagem é, a partir daí, praticamente definitiva. Mas a procura, essa continua nos outros romances, ainda que resulte em novos fracassos.

Creemos poder afirmar que o tempo da Encarnação aí se fecha para dar início ao tempo da Redenção, que tem implícito o sentido de resgate, expiação, sofrimento, padecimento e purificação.

No caso específico da liturgia cristã, a Redenção se dá quando, em memória do Cristo, atualizam-se os episódios de sua vida pública (tempo preparatório), de sua paixão e morte (tempo da preparação imediata), de sua ressurreição e ascensão, da descida do Espírito Santo, redimindo os homens (tempo da Celebração) e, por fim, o tempo do Prolongamento, quando se apresenta ao fiel a possibilidade de santificação e, por conseguinte, de ganhar a vida eterna.

Como se pode realizar, entretanto, o tempo da Redenção, num mundo em que Deus está morto e, com Ele, a promessa da eternidade? Sem Deus, o homem sofre outra condenação: ser livre, inventar a sua essência humana. Como realizar-se aí sem perder a esperança, sem fazer da vida “paixão inútil”, eis a questão a resolver.

Diante do homem que insiste em sobreviver vivendo uma vida autêntica num mundo em que o inautêntico ganha espaço, buscando a transcendência em meio a coisas transitórias, esse mundo que se apresenta é caótico, sem justificação, injusto e absurdo. E isso é trágico. Por isso o homem, na narrativa vergiliana, como herói (ou anti-herói?) experimenta sucessivos fracassos. O peso da responsabilidade sobre os seus ombros de criador, como um Noé sobrevivente de um novo dilúvio – e completamente só – gera a angústia, o cansaço, mas abre espaço para que se instale a consciência dos limites da condição humana, para que a grandeza e a miséria de ser se inscrevam nesses mesmos limites.

Diante do quadro que apresentamos, em que o valor do homem e a sua redenção só podem ser conquistados no tempo da vida, já que a eternidade está descartada, será impossível haver a morte definitiva do herói, ou como lhe chama Helder Godinho, a arqui-personagem vergiliana, que ressurge a cada romance para experimentar mais uma vez a existência e tentar construir o que é promessa em *Aparição*: o reino do Homem sobre a terra.

O tempo que se inaugura com *Alegria breve* é um tempo de preparação. Depois de ver ao abandono a sua aldeia, um homem solitário cumpre a tarefa de enterrar os seus mortos. Mas tem a consciência da necessidade de guardar aceso o fogo do lar para aguardar o retorno dos homens, embora saiba que “uma redenção é muito difícil”. Ainda assim continua, impulsionado por uma voz que o desafia: *E quando os homens voltarem? Perguntarão: Que fizeste da esperança?* A pergunta repete-se algumas vezes, quando o protagonista experimenta o desejo de desistir.

Enquanto espera, rememora e lembra o tempo em que os homens chegaram prometendo o progresso para a aldeia. O sonho de riqueza dura pouco e os homens da cidade se vão, levando com eles a esperança dos habitantes do lugar, que optam pela emigração. Só e pacientemente o protagonista continua, acreditando ainda na possibilidade da vinda do filho capaz de garantir a permanência. O filho não vem; vem-lhe o cansaço. Mas não o suficiente para fazê-lo desistir.

Com *Nítido nulo*, chega-se ao tempo da Paixão, tempo agônico, vivido pela personagem, que aguarda o momento da morte e escreve, escreve sempre, como a preencher o vazio que esse intervalo provoca. E por que está condenado? Por ter consciência de que um homem não se aprisiona no frio da pedra, na estátua em que transformaram a sua energia, impedindo-lhe a mobilidade. E também por ter transformado em gesto o desejo de derrubar esse monumento, garantindo, assim, a possibilidade de mudança. É o poder e suas amarras, o que aí se questiona. É o desejo de ser livre, o que impulsiona o protagonista. Mas é justamente a transformação desse desejo em gesto libertador o que acaba por condená-lo. O protagonista é preso, julgado e condenado, não apenas pelos juízes, mas também, e sobretudo, pelo público que, tal como no julgamento do Cristo, passa a ser o responsável pela sentença. Pois é nesse intervalo entre a condenação e a execução que se escreve o romance, em que se questionam sobretudo a razão e o poder. A palavra do protagonista, que se faz autor, é a denunciadora dos passos dessa paixão, quando o homem luta obsessivamente para firmar-se como indivíduo, liberto dos discursos que aprisionam. Mas a luta pela individuação é um crime que deve ser punido com a morte. Daí a sua agonia.

A cada passo, ou melhor, a cada romance, a paixão do protagonista se aprofunda e, com ela, o sofrimento, produto dos repetidos fracassos (ou das repetidas quedas) e à medida que a velhice se vai impondo, trazendo consigo a hipótese de não chegar a ser criado o reino do Homem. Mas repita-se: o protagonista vergiliano não morre definitivamente, pois que ressurgue a cada romance, embora possamos afirmar que, findo um ciclo, ou melhor, encerrado um romance, que a morte existe numa dimensão simbólica, morte necessária para que o novo ciclo seja iniciado.

Ora, se não vivenciamos a morte da arqui-personagem vergiliana, porque ela continua nas páginas de *Rápida, a sombra*, *Signo sinal*, *Para sempre*, *Até ao fim*, *Em nome da terra* e já agora em *Cartas a Sandra* (publicado no ano da morte de Vergílio Ferreira, esse romance reitera o

desejo do protagonista de inscrever no espaço do incorruptível a imagem mitificada de Sandra – e a do próprio amor, desejado como forma de redenção e dignificação do humano –, modo de fazê-la escapar da ação devastadora do tempo, e de, lá também inscrever-se no momento do grande encontro que, com a morte repentina, se realiza, permitindo-nos encontrar momentos de conciliação e de pacificação do que, na vida, foi sempre motivo de angústia), repetindo sempre a tarefa de fixar a presença humana no mundo, e a ação empreendida resulta sempre em fracasso, então o tempo litúrgico deveria ser interrompido: não haveria o que celebrar ou o que prolongar. Mas então os esforços empreendidos seriam reduzidos à inutilidade e a vida se conformaria à idéia sartriana de “paixão inútil”. Para haver Celebração seria necessário o triunfo e a personagem vergiliana, apesar de, em alguns momentos, parecer conformar-se, vive o fracasso do seu desmedido desejo. A Redenção seria, então, impossível.

Vimos afirmando que a obra de Vergílio Ferreira percorre um caminho cujo objetivo é a sagração do humano. E se a vida humana percorre repetidamente os ciclos da Encarnação e da Redenção, então sagrar o homem significa redimi-lo.

Fernanda Irene Fonseca fala-nos que, na obra de Vergílio Ferreira, dá-se a “celebração da palavra”¹⁰. Se o homem sobrevive, nos seus romances, pois que recomeça a sua caminhada, sempre, o que se celebra então é a sua permanência na palavra escrita, porque, de resto, um dia, ele morrerá, e então já será nada.

Entretanto, a palavra redentora não pode ser o quotidiano verbo saturado de ideologia, repetido e desgastado pelo uso. A palavra que redime e que, portanto, celebra a permanência do Homem, que se eleva acima do tempo provisório para gravar-se na eternidade do verbo criador é a palavra da arte. Porque é na arte que o homem experimenta o ser criador do mundo onde ele mesmo se inscreve como criatura, princípio e fim de todas as coisas, dignificado, centrado em si, mito.

Esse gesto criador Vergílio Ferreira repetiu-o sempre, até o momento em que nos deixou, fazendo calar-se a voz provocativa, polémica, mas sempre reflexiva. Como ele mesmo afirmou em *Nítido nulo*, deixou “em meio, uma palavra” (ato prefigurado em *Cartas a Sandra*,

¹⁰ Fernanda Irene Fonseca, *A celebração da palavra*, Coimbra, Almedina, 1992.

em que o protagonista é surpreendido pela morte no momento em que as escrevia). Palavra que, como garantiu, ao afirmar, com sua irônica sinceridade: “vou entrar no paraíso a escrever”¹¹, deve prolongar-se na eternidade.

Quanto ao tempo do Prolongamento (a publicação de *Cartas a Sandra* justamente por Xana, a filha jornalista que recusou a casa dos pais aos vinte e um anos e a obra do pai, por cheirar a mofo, não anunciaria a continuidade, uma vez que as cartas são por ela prefaciadas e publicadas depois da morte do autor?), cremos poder afirmar sem receio que por ele somos responsáveis, ao atualizarmos a leitura dessa obra agora completa, reatualizando, na nossa palavra crítica, a voz do homem.

¹¹ Vergílio Ferreira, Título dado à entrevista por ele concedida ao jornal *O Público*, em 28 de janeiro de 1993.

